

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
26 de Julho de 2025
BULLE OGIER, ATRIZ OCEÂNICA

OUT 1 / SPECTRE / 1970

Um filme de Jacques Rivette

Argumento: Jacques Rivette / *Diretor de fotografia* (16 mm, cor): Pierre-William Glenn / *Montagem:* Nicole Lubtchansky, Denise de Casabianca / *Som:* René-Jean Bouyer / *Interpretação:* Bulle Ogier (*Pauline/Emilie*), Jean-Pierre Léaud (*Colin*), Michael Lonsdale (*Thomas, o encenador da peça*), Bernadette Laffont (*Sarah*), Michèle Moretti (*Lili*), Françoise Fabian (*Lucie, a advogada*), Juliet Berto (*Frédérique*), Jean Bouise, Jacques Doniol-Valcroze (*Etienne*), Eric Rohmer (*um especialista em Balzac*), Jean-François Stévenin (*Marlon*), Michel Delahaye (*o homem na varanda*), Stéphane Tchalgadjeff (*o mensageiro que é morto na loja*), Hermine Karagheuz (*uma das atrizes da companhia de teatro*), Barbet Schroeder (*um dos homens que discute o projeto de um jornal na loja*).

Produção: Stéphane Tchalgadjeff, para Sunchild Productions (Paris) / *Cópia:* dcp, transcrito do original em 16 mm, versão original com legendas eletrônicas em português / *Duração:* 262 minutos / *Distribuição comercial:* Paris, Outubro de 1971 / *Inédito comercialmente em Portugal* / *Primeira apresentação na Cinemateca:* 3 de Abril de 2006, no âmbito do ciclo “Longuíssimas Metragens”.

Haverá um intervalo de 15 minutos ao cabo de 2 horas de projeção.

Independentemente do juízo que se possa ter sobre o filme ou do que tenha dito o próprio realizador, **Out 1/Spectre** é o filme mais profundamente característico de Jacques Rivette. É a materialização da essência do seu cinema: por um lado, é um filme de duração extremamente dilatada e cuja trama se revela baseada em nada, um filme em que aquilo que se passa é um *mcguffin*, um pretexto para a existência do objecto cinematográfico; por outro lado, jamais os dois temas centrais do melhor cinema de Rivette, o teatro e o *complot*, estiveram tão intimamente ligados. Por estes motivos, o filme exemplifica de modo magnífico aquilo que Serge Daney chamou “*as aterradoras aventuras do cinema moderno*”.

O subtítulo do filme, **Spectre**, tem um sentido quase literal, pois o filme que vamos ver é o “espectro” de um outro, de quase treze horas (doze horas e quarenta minutos), intitulado **Out One/Noli me Tangere**. Rivette concebeu e realizou este filme inicial prolongando e dilatando as experiências que tivera em jovem como espectador da Cinemateca Francesa, onde os folhetins de Louis Feuillade eram programados não em um episódio de cada vez, segundo a concepção original, mas em sessões de cerca de três horas, que agrupavam diversos episódios. Por conseguinte, a noção peculiar de tempo cinematográfico e de tempo da projeção de **Out 1/Spectre** deriva, de modo longínquo, de um aspecto preciso da imaginativa programação da Cinemateca Francesa dos anos 50 e 60. E a visão de Paris no filme também deriva da Paris do cinema de Feuillade, como veremos adiante. O tempo e o espaço deste filme nascem exclusivamente de experiências de Rivette como espectador de filmes. Evidentemente, mesmo em inícios dos anos 70, quando havia bastante espaço visível para este tipo de trabalho, **Out One/Noli me Tangere** era um objecto impossível de ser comercializado numa sala de cinema e, devido à natureza do trabalho de Rivette, era improgramável em qualquer canal de televisão. Rivette fez então a versão “curta” que vamos ver e durante cerca de vinte anos a versão “original e integral” do filme tornou-se “*um Graal tão inacessível como uma versão mais longa de Greed*”, de Stroheim, segundo a expressão de um admirador americano de Rivette. Mas um dia um heróico distribuidor francês decidiu conquistar este Graal e depois de muitos esforços foi estabelecida uma cópia da versão original de doze horas, apresentada no Festival de Roterdão, em meio a alguma sensação. Rivette chegou então à conclusão de que a versão mais curta era preferível.

O ideal cinematográfico de Rivette à época era fazer filmes baseados numa ténue trama narrativa, sem guião nem diálogos escritos, que se prolongassem indefinidamente, filmes cuja simples existência enquanto objetos de cinema (luz, sons, vozes e corpos dos atores) fosse o seu verdadeiro sentido; filmes feitos à volta de atores específicos, cuja presença desencadearia “algo” que seria captado pela

câmara, sendo o objeto cinematográfico propriamente dito que resulta deste trabalho “*um resíduo*” do que se passou. Este ideal cinematográfico foi atingido em **Out 1/Spectre** e é sem dúvida por isso que o genérico de fim indica: “*um filme de*”, seguido pelo nome dos atores e “*com*”, seguido pelo nome dos técnicos. Ou seja, um filme de Bulle Ogier e Jean-Pierre Léaud, com Pierre-William Glenn e René-Jean Bouyer. À exceção de Léaud, que segundo a expressão de Rivette “*quis chegar virgem à rodagem*”, os atores inventaram os seus personagens (inclusive o seu passado, que é hermético para o espectador). Por outro lado, Rivette prolonga neste filme aquilo que fizera em **Paris Nous Appartient** e **L'Amour Fou**, porém de modo muito mais vasto, livre, sonâmbulo e hipnótico: mostrar simultaneamente os trabalhos de atores de teatro, que ensaiam uma peça que jamais será montada e um *complot*, que acabará por se revelar imaginário. De modo típico da época (e **Out One/Spectre** tornou-se um precioso documento sobre um certo aspecto do modo de viver dos anos 70) e sem dúvida devido a lembranças literárias (há exemplos concretos em Borges e em Bioy Casares), o genérico indica as “*hipóteses*” de lugar e de tempo onde decorre a ação: “*Paris e o seu duplo, Abril ou Maio de 1970*”. Apesar da conjunção *ou*, a data é anódina, trata-se da data da rodagem. Mas o “duplo” de Paris nada tem de anódino, é a cidade absolutamente idêntica à verdadeira Paris na qual decorre a ação, cidade que só existe na mente dos personagens do filme, mundo paralelo onde vivem estas pessoas, quase como numa narrativa fantástica. Esta visão de Paris deriva diretamente dos folhetins de Feuillade dos anos 10 (**Les Vampires** e **Fantômas**), que Rivette tanto amava. **Out One/Spectre** é um dos grandes filmes sobre Paris: a “verdadeira”, filmada numa luz natural de imensa beleza; e a outra cidade que existe por debaixo desta cidade aparentemente reconhecível, como nos folhetins de Feuillade, o “duplo” de Paris, onde se passam as aventuras extraordinárias dos personagens.

As quatro horas e vinte dois minutos de **Out One/Spectre** partem de três pontos: um grupo, formado pela companhia de teatro e pelo personagem de Bulle Ogier, na sua loja, chamada “a esquina do acaso” (*l'angle du hasard*); e dois personagens exteriores, os de Jean-Pierre Léaud e Juliet Berto, que lançam as efabulações. Como numa moderna transfiguração de **A Regra do Jogo**, há nove personagens principais (os de Bulle Ogier, Jean-Pierre Léaud, Juliet Berto, Bernadette Laffont, Michael Lonsdale, Françoise Fabian, Jacques Doniol-Valcroze, Jean Bouise, Michèle Moretti), que se unem, se separam, se cruzam, que são pontos de partida de novas ramificações da trama; e estas ramificações são ao mesmo tempo cada vez mais firmes e menos baseadas em elementos concretos. Muitas vezes, os próprios atores não sabiam exatamente o que se passava, como Doniol-Valcroze, que não sabia em que ponto da ação o seu personagem se encaixava. Pairam sobre tudo isto duas grandes sombras literárias, usadas, no entanto como simples pretextos para as elucubrações paranóicas que motivam a trama do filme: Balzac com a sua *História dos Treze* (história de um grupo de autores de *complots*) e Lewis Carroll, com *The Hunting of the Snark*, transformada em jogo matemático, para estabelecer correlações fantasiosas, nas diversas passagens em que Jean-Pierre Léaud tenta desvendar o enigma diante do seu quadro negro. O filme começa com Léaud e é com ele que chega ao fim: tendo na mão uma miniatura da Torre Eiffel, usada como se fosse um pêndulo, Léaud chega à conclusão que aquilo que buscava é impossível e tudo acaba de um segundo para o outro. Melhor dito: aquilo que Léaud buscava é inexistente, pois este é um filme que se parece, literalmente, a um sonho (e por isso mesmo nada tem dos clichés dos sonhos no cinema), mas um sonho cujas imagens não se esfumam e não são esquecidas, ficam para sempre na retina do espectador. Este foi um dos objetivos de Rivette ao realizar esta alucinante espécie de obra-prima: “*Gostaria que o filme funcionasse como um sonho mau, sobrecarregado de incidências e de lapsos, um daqueles sonhos que parecem tanto mais «intermináveis» que temos noção durante o seu desenrolar que se trata de um sonho e do qual pensamos sair para nele voltar a cair*”. É, evidentemente, impossível “contar” **Out One/Spectre** e também é impossível descrever a sensação em que mergulhamos durante a projeção. Quatro horas e vinte minutos que ecoam uma frase do personagem de Michael Lonsdale: “*O importante não é o ponto de chegada, mas o percurso*”. Um filme baseado em elementos frágeis (a improvisação, a paranóia), que resulta numa das aventuras mais intensas que um espectador de cinema poderá ter em toda a sua vida (tanto mais que a imagem desta cópia digital se assemelha mais à imagem em 16 mm do que à de um dvd: o facto da *étalonnage* ter sido feita sob a orientação do diretor de fotografia original não deve ser estranho a este resultado).

Antonio Rodrigues